

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ EM CONVÊNIO COM A SECRETARIA
MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO/SEAD DE PONTAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INCLUSÃO / EDUCAÇÃO ESPECIAL**

VERA T. POLYDORO DA ROCHA

**O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE A HIPERATIVIDADE E SEUS REFLEXOS
TANTO NA EXCLUSÃO QUANTO NA INCLUSÃO ESCOLAR**

**CURITIBA
SETEMBRO/2004**

VERA T. POLYDORO DA ROCHA

**O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE A HIPERATIVIDADE E SEUS REFLEXOS
TANTO NA EXCLUSÃO QUANTO NA INCLUSÃO ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Inclusão / Educação Especial da Universidade Federal do Paraná em convênio com a Secretaria Municipal da Educação/SEAD de Pontal do Paraná

Orientadora: Dra. Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan

**CURITIBA
SETEMBRO/2004**

VERA T. POLYDORO DA ROCHA

**O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE A HIPERATIVIDADE E SEUS REFLEXOS
TANTO NA EXCLUSÃO QUANTO NA INCLUSÃO ESCOLAR**

Monografia da Especialização em Inclusão / Educação Especial.

Orientadora: Prof^a. Dra. Miriam A. de S. Pan

TERMO DE APROVAÇÃO

Data da aprovação:

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 EXCLUSÃO.....	3
3 A INCLUSÃO INDIVIDUALIZADA.....	7
3.1 NÃO EXISTE RECEITA OU FÓRMULA MÁGICA, DEVE-SE BUSCAR A SOLUÇÃO.....	10
3.2 INCLUSÃO NÃO É POR O ALUNO NA SALA DE AULA E DEIXAR O PROFESSOR SEM SABER O QUE FAZER.....	11
4 COMO SABER SE O ALUNO É HIPERATIVO.....	14
5 A HIPERATIVIDADE É UM MOTIVO DE EXCLUSÃO?.....	17
6 RELAÇÃO ENTRE O ALUNO HIPERATIVO E O PROFESSOR.....	19
7 DESAFIOS E OBSTÁCULOS ENFRENTADOS PELO PROFESSOR.....	21
8 COMO O PROFESSOR DEVE LIDAR COM A EXCLUSÃO E TRANSFORMÁ-LA EM INCLUSÃO.....	22
9 CAPACITAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO.....	24
10 COMO ESTIMULAR O APRENDIZADO DO ALUNO HIPERATIVO E FAZER COM QUE OS OUTROS ALUNOS COOPEREM.....	26
11 REUNIÕES – QUEIXAS DOS PROFESSORES.....	29
12 CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	38

RESUMO

Trata-se de um estudo teórico baseado nas obras relacionadas com o tema e estudadas em conjunto com pesquisa de campo realizada através de duas reuniões com professores de uma escola comum com alunos diagnosticados como hiperativos. A temática do trabalho versa sobre o papel do professor na escola e os reflexos de suas atitudes na inclusão ou exclusão dos alunos com TDAH. Identificando o que é exclusão, quais as suas causas e porque é tão comum na escola regular pública. Buscando uma solução para a exclusão, não através de fórmulas mágicas mas pelo empenho de todos os professores, diretores, funcionários, pais e comunidade. O professor muitas vezes não sabe como proceder com o aluno diagnosticado com TDAH, a troca de experiências e a formação continuada são alternativas viáveis para a inclusão deste aluno. Ainda, serão elencados os principais sintomas da hiperatividade e como o professor deve agir quando identifica um aluno como possível diagnosticado com TDAH. Será estudada a hiperatividade como possível causa de exclusão, como o professor poderá lidar com a hiperatividade, transformando a exclusão em inclusão. Quais são as responsabilidades não só dos professores como da escola e da família, fomentando a cooperação entre os alunos, com um aluno com notas melhores auxiliando o aluno com dificuldades escolares. A pesquisa de campo foi realizado através de reuniões para a discussão das NEE e do TDAH, dificuldades e necessidades da escola e dos professores, com a sugestão de realização de reuniões regulares para a troca de conhecimentos e experiências para a inclusão.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é um tema atual e importante, visto que se passou a reconhecer a exclusão dos alunos diagnosticado com Transtorno de Déficit e Atenção e Hiperatividade – TDAH nas escolas comuns.

O objetivo deste estudo é identificar qual é a importância afetiva do professor para o aluno diagnosticado como hiperativos e a contribuição para sua inclusão e exclusão escolar, considerando, também, a representação de outros fatores importantes para o acesso e permanência dos alunos especiais nas classes comuns a serem observados pelo professor como: lidar com a exclusão e transformá-la em inclusão, como estimular o aprendizado do aluno hiperativo e fazer com que os outros alunos cooperem.

O que é exclusão, o que ela causa nos alunos sem necessidades educacionais especiais e com estas necessidades, qual o papel do professor na exclusão, como ela pode ser transformada em inclusão? Estas e outras indagações serão analisadas neste estudo com o objetivo de contribuir para a conscientização dos professores, da escola, dos pais e da sociedade.

A postura atual dos professores da escola comum é de ficar esperando que tudo se resolva magicamente, com algumas exceções, mas a maioria aguarda que o Estado finalmente forneça a estrutura necessária para a inclusão, que os professores se unam neste objetivo, que os alunos cooperem, etc.

“Todos os alunos têm direito de que lhes sejam oferecidas possibilidades educacionais, nas condições mais normalizadoras possíveis, que favoreçam o contato e a socialização com colegas da mesma faixa etária, e que lhes permitam no futuro integrar-se e participar de uma maneira melhor na sociedade.”¹

Atualmente o professor se depara com a seguinte situação nas salas de aula da escola comum: alunos rebeldes, alunos com dificuldade no aprendizado, alunos com TDAH, alunos indisciplinados, sem motivação, sem uma boa estrutura familiar, com problemas de se relacionar com outros alunos e com o professor,

¹ MARCHESI, Álvaro e MARTÍN, Elena. Da Terminologia do Distúrbio às Necessidades Educacionais Especiais. *in* CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais**. trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 14.

enfim, com diversos problemas, não apenas o TDAH está presente, mas também alunos com alguns sintomas deste transtorno, que também necessitam de uma atenção especial, educação individualizada e metodologia aprimorada, mas como atender a todas estas necessidades para um pleno desenvolvimento, na escola pública?

Com este estudo, pretende-se discutir a importância do conhecimento do educador em relação ao TDAH, mostrando relevância da aprendizagem e a boa relação entre professor e aluno como uma ferramenta para a inclusão na escola.

Serão elencadas algumas características que podem ser percebidas nas crianças que apresentam TDAH, bem como algumas sugestões práticas para serem utilizadas em sala de aula para suprimir os possíveis problemas que os professores podem ter para manter a atenção do aluno diagnosticado como hiperativo.

Professor e aluno são aliados na inclusão, devendo buscar a melhor forma, método e pedagogias para individualizar o ensino de acordo com as necessidades educacionais especiais de cada aluno com TDAH.

Também, serão propostas novas formas de capacitação dos professores para que eles possam identificar a hiperatividade e não confundir com a falta de limite e indisciplina ou apenas um comportamento hiperativo. Vale lembrar que muitas crianças rotuladas como TDAH têm, na verdade, problemas de atenção como consequência secundária de suas dificuldades de aprendizagem.

Neste trabalho, o interesse é a visualização da variedade de queixas, dificuldades, questionamentos, apontados pelos professores durante as duas reuniões realizadas na escola como metodologia de pesquisa para a presente monografia.

Será estudada a necessidade de se individualizar o ensino e criar novas fórmulas para a inclusão. Por que individualização? Porque os alunos não podem ser vistos como um todo, homogêneo e sem personalidade.

Foram realizadas duas reuniões, cujos sujeitos desta pesquisa são os professores da Escola Estadual Maria Montessori, situada em Curitiba, estas reuniões foram registradas em uma ata. Os registros serão analisados distribuindo-se seus conteúdos em três partes:

- 1) Inventário das queixas, dificuldades e questionamentos expressos pelos professores e funcionários;

2) Relatório dos procedimentos realizados para a inclusão escolar destes alunos, formulação de situações-problema, orientação, encaminhamentos, discussões e reflexões;

3) Na segunda reunião: registro de mudanças observadas, após a primeira reunião e sugestões para o melhor tratamento com os alunos diagnosticados com TDAH.

Os dados obtidos com a pesquisa serão analisados em conjunto com as obras literárias existentes sobre o tema e a comparação entre as soluções que os autores destas obras propõe e as sugeridas nas reuniões.

2 EXCLUSÃO

Uma das hipóteses que orientam o presente trabalho é que na escola praticamos uma “lógica da exclusão” entendida como forma de organização curricular que opera preferencialmente por atenderem a um critério comum, obter certas notas, expressar certas formas de conduta, aceitar certo contrato institucional, apresentar certas características físicas, intelectuais, etc., que iguala as pessoas e que exclui, pela indiferença, reprovação, crítica, os que não se encaixam nessa referência, levando a preconceitos e discriminação.

A lógica da exclusão apóia-se na lógica das classes. Classificar é uma forma de conhecimento que nos possibilita definir a extensão dos termos que, por possuírem um critério comum, são equivalentes entre si, quanto a esse critério. Ou seja, classificar é uma forma de conhecimento pela qual reunimos, abstraindo as semelhanças, todos os termos que satisfazem a um critério comum, tornando-os, por isso, equivalentes entre si com relação a esse critério. Todos nós classificamos, necessitamos classificar para conhecer as coisas. (...) Classificar, portanto, é reunir pessoa, objetos, que tenham uma propriedade comum e, por terem uma propriedade comum, são substituíveis uns pelos outros.

(...)

É o caso dos alunos em uma sala de aula. Do ponto de vista da definição, em termos de série ou ciclo escolar, todos são substituíveis entre si, pois obedecem ao mesmo critério. Esse é o poder da lógica da classe: abstrair diferenças.²

As crianças hiperativas ficam sem lugar neste sistema, são excluídas porque não conseguem se adaptar e obter sucesso com a forma de ensino das escolas regulares. Está aí compreendido o preconceito a discriminação da pessoa que é diferente. Estas reações estão ligadas a falta de informação sobre a hiperatividade, diferenças existem, mas devem ser respeitadas, e não excluir o aluno do convívio com outros alunos, para que ele se sinta parte do grupo e seguro.

“Devem ser oferecidas aos alunos oportunidades diárias para pensar, refletir e evoluir em direção ao pensamento lógico”³

A segunda hipótese seria aplicável caso certas condições fossem modificadas, uma lógica da inclusão entendida como forma de organização curricular

² MACEDO, Lino de. **Competência relacional e situação-problema: elementos para uma reflexão pedagógica**. Manuscrito não publicado. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1999, p. 31.

³ FERREIRA, I. N. **Caminhos do aprender: Uma alternativa Educacional Para Criança Portadora de Deficiência Mental**. Brasília: CORDE, 1993, p. 86.

que opera com critérios individualistas e relacionais, os indivíduos são considerados em suas singularidades e pelas múltiplas relações que podem ser estabelecidas entre eles. Assim, as crianças hiperativas valem pelas diferentes posições que podem ocupar no sistema e pelo que se tornam no contexto dessas relações.

Define-se a inclusão pela lógica da relação, por intermédio da qual um termo é definido em função de outro. A lógica da exclusão, como vimos, é definida pela extensão dos termos que possuem algo em comum, ou seja, atendem a um critério ou referente (exterior). A lógica da inclusão é definida pela compreensão, ou seja, por algo interno a um conjunto e que lhe dá um sentido.⁴

Se o modelo educacional padronizado, vigente em nossas escolas, o qual é baseado em padrões de normalidade extremamente arbitrários, já exclui muitos alunos considerados "normais", muito mais ainda àqueles alunos com características diferenciadoras mais específicas como a hiperatividade que pode gerar comportamentos agressivos que dificultam sua interação com outros alunos e a escola.

A política da segregação, da separação ou da exclusão é anti-humana, na medida em que a condição de ser 'deficiente' é inequivocamente uma probabilidade da condição de 'não-deficiente'. De certa forma, todos os seres humanos contêm a gênese da deficiência, motivo pelo qual a política do futuro, em termos de integração, deverá orientar-se no sentido da anti-rejeição, ou seja, terá de adotar uma política de integração onde a rejeição e a exclusão sejam iguais a zero.⁵

A individualização do ensino busca maximizar os pontos fortes dos educandos e evoluir estas capacidades para compensar seus pontos fracos e dificuldades, pois "se aumentarmos o capital das áreas fortes das crianças também se alargam os seus processos de informação e, por essa via, podem-se então abordar as áreas fracas."⁶

"Quando um sistema de ensino regular não está em condições de atender as necessidades de todos os seus alunos, não pode se propor,

⁴ MACEDO, *op. cit.*, p. 33.

⁵ FONSECA, Vítor da. **Educação Especial – Programa de estimulação precoce**. Porto Alegre/RS: Artmed Editora S.A., 2002, p. 201.

⁶ FONSECA, *op. cit.*, p. 206.

ingenuamente, a incluir os excluídos, pois estes são exatamente os alunos que ela não dá ou não deu conta de educar!”⁷

“Por educação inclusiva se entende o processo de inclusão dos portadores de necessidades especiais ou dos distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino em todos os seus níveis, da pré-escola ao quarto grau.”⁸

O ideal de ensino seria a transformação do ensino atual que é estagnado, ultrapassado e pouco estimulante, por uma nova forma de educar, estimulando o auto-aprendizado, a responsabilidade pelo conhecimento, animar o aluno para que aprenda não apenas o que o professor ensina, mas seja orientado por seu mestre e passe a diante para novas amplitudes.

É notório que a inclusão é importante e deve existir, mas o problema prático de sua aplicação exige atenção e cuidados dos envolvidos. Estudar e ter consciência sobre a importância da inclusão não basta para que ela exista, sua aplicabilidade deve ser um esforço comum entre todos: professores, pedagogos, orientadores, diretores, pais e alunos, ainda deve-se planejar e conhecer as condições físicas e econômicas da escola.

Antes de sair da exclusão para a inclusão é necessário garantir o resgate do aluno na sua auto-estima como educando, caso não exista este resgate poderiam existir prejuízos na inclusão do aluno que não se sentiria acolhido pela escola e aceito pelos colegas da turma.

Os alunos também devem ser preparados para a inclusão, para respeitarem o modo de agir e ser de outros alunos e isto pode ser resolvido com aulas que esclareçam, que as diferenças não tornam uma pessoa melhor ou pior que outra, e os benefícios que podem ser gerados da convivência pacífica e com amizade entre pessoas com necessidades e características próprias.

A exclusão pode ser entendida como uma repulsa pelas pessoas que não se enquadram nos modelos existentes no sistema, seria uma penalização pela não adaptação aos demais participantes deste sistema. Este conceito pode ser aplicado nas escolas onde o aluno que não se adapta ao ensino sobre inúmeras repetências e acaba por abandonar a escola.

⁷ MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. In STOBÄUS, Claus Dieter & MOSQUERA, Juan J. M. (orgs.) **Educação Especial: em direção à educação inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 40.

⁸ MRECH, Leny Magalhães. O que é educação inclusiva? In **Revista Integração**, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998, p. 37.

Infelizmente a exclusão é uma realidade, ela está presente nas escolas, principalmente nas escolas públicas, que não possuem programas individualizados para a inclusão, seja de alunos com TDAH ou qualquer outra necessidade educacional especial.

Os professores ficam sem saber o que fazer para incluir seus alunos na escola, vêem que a exclusão está mais forte do que a inclusão, que há sim discriminação, preconceitos, entre outras formas de segregação, mas não estão se sentindo aptos e apoiados para mudar essa realidade e transformar esta exclusão em uma nova perspectiva para a inclusão.

3 A INCLUSÃO INDIVIDUALIZADA

Quando se fala em inclusão entenda-se movimento, deixar de ser inerte, a inclusão não tem fim ou começo, ou ela existe ou não existe.

O professor deve ter liberdade para formular um projeto de inclusão, mesmo que seja apenas uma adaptação do projeto geral de uma escola, para o seu aluno com NEE, pois um projeto amplo e abrangente pode não surtir efeito como desejado.

Ao pesquisar novos sistemas pedagógicos ou metodologias de ensino, deve-se levar em consideração primeiramente a criança e suas necessidades educacionais especiais e posteriormente o método mais adequado para esta criança.

A individualização, como sinônimo de um processo de integração, reúne simultaneamente novas atitudes, novos processos de instrução e novos processos de interação e de reforço. Novas atitudes que permitam solucionar o problema, visto que há sempre uma via de superação; aqui as expectativas deverão ser necessariamente positivas. Novos processos de instrução, porque se deverá ter em conta a apresentação dos estímulos e a modelação da informação de se deseja ver tratada e transformada pelo educando. Novos processos de interação e de reforço no sentido de encorajar, apoiar e valorizar o esforço do educando, mantendo os seus processos motivacionais imprescindíveis ao sucesso na aprendizagem.⁹

Para que exista esta instrução individualizada conforme as necessidades educacionais especiais de cada criança é necessário um grande esforço dos educadores, escola, pais e a própria criança.

A individualização do ensino busca maximizar os pontos fortes dos educandos e evoluir estas capacidades para compensar seus pontos fracos e dificuldades, pois “se aumentarmos o capital das áreas fortes das crianças também se alargam os seus processos de informação e, por essa via, podem-se então abordar as áreas fracas.”¹⁰

Outro aspecto que dificulta a inclusão é a noção existente nas escolas e nos professores de que todos os alunos formam um grupo homogêneo e desta

⁹ FONSECA, *op. cit.*, p. 205.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 206.

forma devem ser tratados, quando na verdade eles são diferentes, tem capacidades e tempo de aprendizado próprio e devem ser tratados de forma individualizada.

“A escola regular deve encorajar a apreciação e o respeito pelas diferenças entre as crianças, acomodá-las no seu processo e servi-las o melhor possível”.¹¹

A educação inclusiva só se aprende fazendo, ensaiando, experimentando, ousando, errando e aprendendo.

O conhecimento sobre a inclusão está sendo adquirido de forma fragmentada e desorganizada em um planejamento deste estudo, sem que os professores estejam totalmente conscientes de como devem trabalhar para a inclusão educacional, os educadores necessitam de uma estrutura política, financeira e material, junto a sua escola, para ter o mínimo necessário para começar a pensar na inclusão e aí então estudá-la conforme as necessidades especiais dos alunos com diagnóstico de TDAH na sua escola.

A inclusão é uma teoria, cabe as pessoas aplicá-la, na medida certa, bem preparada, planejada, de forma gradativa e positiva, minimizando o máximo possível as tentativas buscando o acerto ou erro, para que os alunos não sejam prejudicados, mas com consciência de que esta tarefa não é fácil e demandará muito esforço e dedicação, mas altamente recompensadora quando estiver surtindo efeitos.

O planejamento das aulas, deixando-as criativas, participativas e dinâmicas auxiliará a inclusão educacional de todos os alunos, inclusive para o professor que sentirá mais prazer em trabalhar.

Verifica-se que é fundamental a leitura técnica e científica, bem como a formação continuada específica. Os professores que têm essas leituras colocam a inclusão como possível e viável.

Pode ser necessário um período de adaptação para a inclusão, para que o professor possa entendê-la e aplicá-la, pois se seu método de ensino for obsoleto e padronizado não poderá ser utilizado nesta nova escola inclusiva.

Verifica-se um processo de transição na escola brasileira, através da inclusão o sistema de ensino está sendo objeto de discussão e reavaliação, concluindo-se por sua modificação, modernização e individualização, transformando a escola para se adequar aos novos tempos.

¹¹ FONSECA, *op. cit.*, p. 203.

O aluno, principalmente o diagnosticado com TDAH não deve mais ser visto como o objeto da educação, mas como o sujeito da educação, saindo da postura da passividade para a atividade, participatividade e colaboração, não é mais submisso ao professor, à escola e ao sistema, não deixando de ter o devido respeito e disciplina, o aluno passa a ser o agente, que irá interagir com o professor numa troca de conhecimentos e experiências. Portanto os alunos não podem mais ser tratados como receptores de informações e sim como construtores de seus próprios conceitos.

Esta nova forma de ensino propiciará mais iniciativa aos alunos hiperativos que conseguirão interagir melhor com a comunidade e desenvolver mais seus potenciais.

Indaga-se, qual é o sujeito da inclusão? Para quem esta inclusão deverá se dirigir?

Com certeza para o aluno com necessidades educacionais especiais, que pode ser o aluno com diagnóstico de TDAH, mas também para aquele aluno com dificuldade em interagir com outros alunos, que se sente ameaçado e diferente; aquele que não consegue ser autônomo e se sente fragilizado e com baixa auto-estima.

Qual a reação que este sujeito da inclusão causa nas outras pessoas?

O aluno que não está incluído na escola geralmente é aquele que causa estranhamento aos outros, que transcende o modelo de comportamento ditado pela comunidade; aquele que traz insegurança por sua singularidade e que deseja ter toda atenção para si, para se sentir parte do grupo. Estas são apenas algumas características exemplificativas observadas nas crianças excluídas na escola.

De que precisa este aluno excluído?

De professores e alunos que não o vejam simplesmente pelas suas dificuldades, mas pelas suas potencialidades, por seus sentimentos e necessidades; de um relacionamento aluno-professor que deixe de ser apenas profissional e passe a ter um caráter pessoal e sentimental, com carinho, atenção e repreensão quando necessário; que suas características pessoais sejam respeitadas assim como seu ritmo de aprendizado e sua auto-estima restaurada.

O aluno também necessita do apoio da família participando de sua evolução na escola, verificando quais são suas dificuldades, suas notas, qual seu relacionamento com os professores, se a escola está conseguindo incluir o aluno

nas atividades, qual o projeto de inclusão da escola, se é que ele existe, se os professores estão habilitados para lecionar para alunos com necessidades educacionais especiais ou para alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, etc.

A participação dos pais contribuirá para a inclusão dos alunos e para o desenvolvimento de novas metodologias de ensino e a pesquisa de novas formas de ensinar, os pais são também responsáveis pela educação e inclusão escolar de seus filhos e não podem se eximir desta responsabilidade e fingir que nada podem fazer ou que lhes falta o conhecimento necessário para tanto.

3.1 NÃO EXISTE RECEITA OU FÓRMULA MÁGICA, DEVE-SE BUSCAR A SOLUÇÃO

A inclusão não é um conceito que pode simplesmente seguir determinadas regras e providencias para ser efetivada, não existem regras, não existem fórmulas mágicas, pois para cada portador de necessidades educacionais especiais terá que ser estudada uma estratégia específica de inclusão, deverá ter uma fórmula personalizada.

As escolas devem agir para impedir a exclusão, atuando nas classes comuns onde os alunos com necessidades educacionais estejam presentes e o processo de exclusão poderia vir a acontecer, pois inclusão é um processo anterior a segregação. Segundo Glat (1998) o perigo reside quando se faz da inclusão uma colocação do deficiente em sala de aula, não ocorrendo, em contrapartida, pelos responsáveis do processo educacional, a disponibilidade para que sejam feitas as devidas adaptações.¹²

Para a inclusão existem apenas sugestões, pode-se copiar um modelo que obteve sucesso, mas sem a garantia de obtenção do mesmo resultado, mas o principal é tentar, com responsabilidade, competência e força de vontade até conseguir.

¹² OLIVEIRA, Anna Augusta S. de. & LEITE, Lúcia P. Escola inclusiva e as necessidades educacionais especiais. *in Educação Especial: temas atuais*. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000, p. 14.

Como não existem fórmulas mágicas, a mágica esta no engajamento do professor, dos funcionários, dos alunos e dos pais destes alunos para que a inclusão exista não apenas na escola, mas se espalhe por todos os meios.

Em primeiro lugar, é preciso insistir no fato de que as escolas tradicionais não dão conta das condições necessárias às mudanças propostas por uma educação aberta às diferenças. Elas não foram concebidas para atender à diversidade dos alunos e têm uma estrutura rígida e seletiva, no que diz respeito à aceitação e à permanência de alunos que não preenchem as expectativas acadêmicas clássicas, centradas na instrução e na reprodução de conteúdos curriculares. A sustentação de um projeto escolar inclusivo implica necessariamente mudanças em propostas educacionais da maioria das escolas em organização curricular idealizada e executada pelos seus professores, diretor, pais, alunos, e todos os interessados em Educação, na comunidade em que a escola se insere.¹³

Para que a proposta de inclusão escolar seja eficiente ela deve ser elaborada de acordo com o meio em que está presente e isto é possível se todos participarem do desenvolvimento desta proposta, professores, diretores, pais, alunos e voluntários.

Ainda será necessário o engajamento da sociedade neste processo de inclusão, para suprir as necessidades da escola para que se torne inclusiva.

3.2 INCLUSÃO NÃO É POR O ALUNO NA SALA DE AULA E DEIXAR O PROFESSOR SEM SABER O QUE FAZER

O professor com mais tempo de serviço não obteve treinamento em sua formação para trabalhar com alunos portadores de necessidades educacionais especiais, pois estes ficavam em escolas especiais.

A tendência atual é incluir o aluno com NEE na escola regular e assim incentivar o respeito mútuo entre os alunos e o desenvolvimento sociável do aluno com NEE.

Esta nova situação pode causar dificuldades para o professor, sem treinamento específico, formação continuada, criatividade, valorização e esforço ele

¹³ MANTOAN. *Uma escola... op. cit.*, p. 29.

não conseguirá cumprir seus objetivos como educador e ficará frustrado e desanimado, mesmo no ensino para alunos com TDAH cujos conhecimentos e adaptações curriculares e escolares não são tão drásticas como para um aluno com alguma limitação física ou mental.

Deve-se considerar, inclusive, a dificuldade que as escolas têm para administrar a conquista da flexibilização e da sua autonomia, pois está também nas suas mãos a responsabilidade de efetivar mudanças que impeçam o processo de exclusão e permitam construir, verdadeiramente, uma escola inclusiva que dê respostas educativas à diversidade, sejam elas sociais, biológicas, culturais, econômicas ou simplesmente, educativas.¹⁴

Caso não seja disponibilizado ao professor meios, materiais, físicos e psicológicos para educar o aluno com diagnóstico de TDAH ele deve, por seus meios próprios, pesquisar a respeito, estudar novas metodologias de ensino que podem ser aplicadas na escola pública e principalmente ser paciente e respeitar este aluno.

O professor também pode iniciar e estimular a discussão sobre a educação inclusiva na escola em que leciona, fazendo com que todos participem desta transformação. Com a ajuda de outros professores, pedagogos da escola, diretores, funcionários do órgão público responsável pela escola, dos pais e dos próprios alunos esta tarefa ficará mais fácil e terá mais chances de obter sucesso.

Além da participação de todos na criação de oportunidades e busca de soluções, o estímulo ao engajamento destas pessoas no desenvolvimento, aplicação do projeto, é muito importante, seja com sucesso ou sem ele, pois quando não ocorre o resultado esperado, pode-se começar tudo de novo, porque esta não é uma tarefa fácil e requer muito trabalho e cooperação.

Ao professor cabe definir os seus objetivos como educador frente ao aluno portador de necessidades educacionais especiais, se ficará passivo a esta situação ou fará a diferença, se será um exemplo e terá como base da sua metodologia a capacitação e formação de seus alunos como eles necessitam.

Quando o professor vê seus alunos como um grupo homogêneo, sem considerar suas características, dificuldades e potencialidades próprias, fica mais difícil aplicar a educação inclusiva.

¹⁴ OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 14.

Não basta apenas encontrar professores de boa vontade e bem intencionados, pois podem aplicar esta inclusão de forma errada, "forçam e colocam em prática uma ação completamente desarticulada e sem compromisso com a realidade objetiva das escolas regulares brasileiras", porque, na realidade, "...deixam de considerar que as escolas públicas e privadas na forma como se apresentam, historicamente, têm cumprido dentre outras funções a de perpetuar as desigualdades sociais" ¹⁵

As dificuldades encontradas pelos professores com educandos portadores de TDAH não deve ser responsabilidade apenas deles, mas de toda a equipe pedagógica da escola, buscando soluções em conjunto e parcerias no estudo de casos e criação de programas de inclusão para a escola.

¹⁵ CARMO, Apolônio A. do. **Inclusão escolar: roupa nova em corpo velho**. Revista INTEGRAÇÃO, Brasília, MEC, ano 13, n. 23, 2001, p. 43-48.

4 COMO SABER SE O ALUNO É HIPERATIVO

A escola é o local propício para se detectar o indivíduo hiperativo, pois é no dia-a-dia escolar que as questões comportamentais se tornam mais visíveis.

O professor deve ter o discernimento de diferenciar o comportamento hiperativo com a mera indisciplina, inquietude e desobediência que pode ocorrer na sala de aula em decorrência da falta de limites em casa.

“O termo hiperatividade refere-se a um dos distúrbios do comportamento mais freqüentes na idade pré-escolar e escolar, caracterizado por um nível de atividade motora excessivo e crônico, déficit de atenção e falta de autocontrole.”¹⁶

Entre as características mais presentes e marcante que o aluno diagnosticado com TDAH pode apresentar é a dificuldade de atenção, encontrando dificuldades para manter a concentração durante um período contínuo de tempo.

Outra característica é a intensa movimentação motora, o aluno não consegue ficar sentado por muito tempo, é agitado e sem uma razão ou por determinado objetivo.

Também verifica-se presente em muitos casos de pessoas diagnosticadas com TDAH a impulsividade ou falta de controle, o aluno não pensa antes de agir, age por impulso, não mede as conseqüências de seus atos, não costuma seguir as normas externas, buscando a satisfação imediata de seus desejos com pouca tolerância à frustração.

Estas e outras características da hiperatividade devem apenas servir para chamar a atenção para o professor, quando este identificar que um aluno possa ter TDAH, cabe-lhe comunicar os pais para que encaminhem esta criança a um médico para exames, só aí poder-se-á obter o diagnóstico de TDAH.

Outro aspecto deste transtorno é a dificuldade que os alunos podem desenvolver nos relacionamentos com outros alunos, por seus comportamentos serem imprevisíveis dependendo de cada caso.

¹⁶ CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais.** trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 160.

Geralmente a hiperatividade só fica evidente no período escolar, quando é preciso aumentar o nível de concentração para aprender. O professor, pais e médico devem trabalhar em conjunto para que com o histórico da criança possam identificar a hiperatividade.

A maioria dos alunos diagnosticados como hiperativos têm problemas escolares pela dispersão, desatenção, falta de concentração e em consequência do seu comportamento, não conseguem atingir as expectativas dos professores e de seus pais, ou podem ter um ótimo desempenho nas avaliações escolares (pois a hiperatividade não prejudica sua inteligência, apenas dificulta o aprendizado no sistema atual de ensino), mas não ter bom comportamento na escola devido a sua falta de controle nas ações e necessidade constante em se movimentar o que tira a concentração dos outros alunos e tumultua a aula.

Professores treinados e orientados sobre as características da hiperatividade são muito mais precisos e eficientes no reconhecimento de crianças que realmente apresentam o distúrbio e daquelas que apenas possuem dificuldade no aprendizado ou indisciplina.

Enfim, os alunos portadores do TDAH são alunos normais, mas com algumas dificuldades que podem se apresentar no curso de sua educação.

O professor pode minimizar as dificuldades quanto está atento a seu aluno, sabe identificar suas capacidades e dificuldades, ajustando suas experiências ao caso concreto, deixando para o aluno todas as regras da convivência escolar, claras e objetivas, explicando suas atitudes com clareza, para não prejudicar a auto-estima do aluno.

Outro sintoma freqüente dos alunos diagnosticados com TDAH é a baixa auto-estima que surge quando eles notam que são diferentes dos demais, no seu comportamento, paciência e atenção, podendo repercutir no seu aprendizado, mas pode ser minimizado quando o professor identifica esse sentimento no aluno e o auxilia, para que não se sinta excluído ou inferior.

A desatenção também pode influir na educação do aluno com TDAH, por exemplo, na hora de resolver algum exercício, pela desatenção ele pode não interpretar corretamente a questão, errar em um cálculo, terá dificuldade em manter a atenção na atividade, não perceber quando alguém fala com ele, não consegue se lembrar ou entender as instruções que lhe foram passadas, não consegue ser organizado, evita tarefas que necessitem de um grande esforço mental, se distrai

com facilidade e se esquece de suas obrigações. Estes são alguns dos sintomas mais conhecidos, mas não estão necessariamente ligados ou presentes em alunos com TDAH.

A impulsividade também é outro sintoma do TDAH, que gera uma agitação descontrolada, com o aluno não conseguindo ficar sentado por muito tempo, se mexer com regularidade, dificuldade para permanecer em silêncio, responde precipitadamente uma pergunta que ainda não foi concluída, não consegue aguardar sua vez, etc.

O não tratamento adequado da criança diagnosticada com TDAH, seja com atendimento com profissionais especializados ou simplesmente na escola e pela família, pode ocasionar alguns problemas no seu desenvolvimento, ficando propensas a desenvolver distúrbios sociais, emocionais e comportamentais, além dos problemas escolares, tais como: diminuição da auto-estima; depressão; ansiedade; distúrbios neuróticos em geral; distúrbios obsessivo-compulsivos; baixa tolerância ao stress; toxicomania; alcoolismo, entre outros.

5 A HIPERATIVIDADE É UM MOTIVO DE EXCLUSÃO?

O aluno diagnosticado com TDAH é mais agitado do que os outros alunos, pode tumultuar um pouco a aula e tirar a concentração dos outros alunos, ele pode ser visto como um aluno bagunceiro ou como o brincalhão da turma, seus sintomas nem sempre são motivos de exclusão, podem até lhe causar popularidade, como o “rebelde” da sala, mas nos dois casos (exclusão por atrapalhar a turma ou aceitação por ser divertido) o aluno estará em uma posição de destaque, que pode causar algumas brincadeiras, por parte de outros alunos, como apelidos e rótulos, que deixam o aluno constrangido e envergonhado, quando este aluno é tido como o divertido da turma, também pode se sentir obrigado a sempre fazer uma “gracinha” uma piada com o que o professor está ensinando, “tirar sarro” de outros alunos, etc, o que também prejudica sua auto-estima, pois não será considerado por suas qualidades e sim por suas atitudes dissonantes com o comportamento desejado em sala de aula.

Não se deve rotular a criança por causa da hiperatividade, sim, ela tem necessidades educacionais especiais, precisa de mais atenção, de mais paciência do professor, e de colaboração dos colegas de classe, mas a hiperatividade não deve ser vista como uma doença, mas sim uma dificuldade no aprendizado e na maneira de se portar.

A escola comum deve ser mais flexível, se adaptar ao aluno conforme as necessidades especiais de algumas crianças, ao invés de adaptá-lo a um currículo pré-moldado.

O ensino atual é um motivo de exclusão, pois ele não abrange todos os alunos, estes é que precisam se adaptar ao ensino, a escola, ao professor, etc, mas na verdade o ensino deveria se adaptar às necessidades dos alunos.

“Outra barreira que precisa ser transportada e que merece especial atenção no quadro de mudanças sugerido pelo ensino inclusivo diz respeito à inadequação de métodos e técnicas do ensino tradicional, baseados na transmissão de conhecimentos e na individualização das tarefas de aprendizagem.”¹⁷

¹⁷ MANTOAN. *Uma escola... op. cit.*, p. 28.

A inclusão irá romper as barreiras do preconceito e segregação nas escolas, com a abertura das escolas às diferenças contanto que o modelo pedagógico-organizacional conservador que está presente nas escolas seja drasticamente alterado, para um modelo mais flexível e que acolha a diversidade de necessidades dos alunos com necessidades educacionais especiais.

6 RELAÇÃO ENTRE O ALUNO HIPERATIVO E O PROFESSOR

O estudo da relação entre o aluno hiperativo e o professor é importante para a educação do aluno diagnosticado com hiperatividade, pois cabe ao mestre, dependendo do sentido ou direção que orienta as relações entre os elementos que compõem as atividades escolares, operar a exclusão ou inclusão escolar deste aluno. Ainda, alguns estudos demonstram que professores treinados e orientados sobre as características do TDAH são muito mais precisos e eficientes no reconhecimento de crianças que realmente apresentam o transtorno, do que muitos pediatras ou psicólogos sem experiência no assunto.

A compreensão dos desafios e obstáculos enfrentados pelo professor pode reduzir a exclusão, reprovação e abandono, pela qual sofrem as crianças hiperativas, principalmente diminuir a rigidez do professor frente ao aluno hiperativo que na maioria os casos apresenta indisciplina e desobediência.

Se uma criança tem dificuldades de aprendizagem ou de convivência em sala de aula, se suas limitações causam 'problemas' quanto aos hábitos pedagógicos do professor (estratégias de ensino, organização do espaço e tempo didáticos, expectativas, etc.), pela lógica da classe a dificuldade é do aluno e não, necessariamente, do professor. Na lógica da relação o 'problema' é de todos, o que desafia o professor a refletir sobre a insuficiência de seus recursos pedagógicos, nesse novo contexto, a rever suas formas de se relacionar com os alunos, a estudar temas que pensava nunca ter que estudar. Tudo isso altera muito a situação tradicional da escola, por mais que ela seja, também, julgada insatisfatória.¹⁸

O professor precisa conhecer seu aluno com TDAH e vice-versa, derrubar seus preconceitos, tal conhecimento mútuo, pode advir de uma conversa mais demorada e aprofundada, sabendo o que aflige o aluno e do que ele gosta na aula, criando uma empatia entre aluno e professor, não é produtivo apenas impedir que o aluno se movimente e fale, mas o professor pode buscar alternativas, para que o movimento constante e a comunicabilidade do aluno com TDAH não seja prejudicial à turma, e sim, contribua para a aula. O professor também pode aprender com o aluno com TDAH, aprender a se controlar, a ser paciente, a ajudar a controlar o comportamento do aluno de forma positiva.

¹⁸ MACEDO, *op. cit.*, p. 34.

Deve haver o respeito entre aluno e professor e para isso, o professor deve respeitar o aluno para ser respeitado pois a recíproca é verdadeira, para que sua autoridade seja efetiva, mas não excessiva, autoridade se conquista e não se impõe.

Para que o aluno diagnosticado com TDAH seja, portanto, esse sujeito ativo na construção do próprio conhecimento, e de assimilar o que lhe é ensinado pelo professor, é vital que vivencie condições e situações nas quais ele possa, a partir de seus próprios interesses e dos conhecimentos específicos que já traga consigo, exercitar sua capacidade de pensar, comparar, formular e testar ele mesmo suas hipóteses, relacionando conteúdos e conceitos. E possa também errar, para que reformule e reconstrua suas hipóteses, depurando-as.

7 DESAFIOS E OBSTÁCULOS ENFRENTADOS PELO PROFESSOR

Nas escolas particulares existe a possibilidade de se trabalhar com um número menor de alunos, os professores tem uma remuneração mais condizente com seus esforços, possui condições de continuar a sua formação, trabalhando numa jornada menos exaustiva, terá acesso a outros profissionais especializados que o auxiliarão na elaboração de suas aulas e a entender mais o aluno com TDAH, fica claro que nestas condições os professores se sentem mais valorizados e seguros com o apoio da escola, conseqüentemente o aluno diagnosticado com TDAH terá maiores oportunidades de ser incluído.

Os professores da rede pública não têm acesso à materiais didáticos especializados, à materiais pedagógicos, recursos para sua formação continuada, recursos para comprar livros e estudar o tema e não são devidamente remunerados, todos estes fatores contribuem para sua força de vontade e ânimo nas aulas, diminuindo sua atenção aos alunos com maiores problemas educacionais.

Esta ideologia também pode ser aplicada para o aluno com TDAH que sofre mais ainda com as dificuldades existentes na escola pública.

O professor que não está preparado para trabalhar com alunos portadores de necessidades educacionais especiais tem dificuldades, acha que o tempo para a aula já é insuficiente para trabalhar com os outros alunos, que dirá com alunos portadores de NEE.

A falta de incentivos, valorização e apoio no trabalho com alunos com TDAH, sem um plano de inclusão definido e projetado por uma banca de professores e pedagogos pode gerar uma frustração nos educadores, por verem limitadas as suas possibilidades de ensino e inclusão escolar.

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais requer, antes de tudo, que a escola possua uma estrutura diferenciada, que esteja pronta para receber e acolher este aluno.

8 COMO O PROFESSOR DEVE LIDAR COM A EXCLUSÃO E TRANSFORMÁ-LA EM INCLUSÃO

As escolas públicas, atualmente, já estão instruídas quanto as necessidades educacionais especiais para alunos com algum diagnóstico de distúrbio de aprendizagem, TDAH, síndrome de down, entre outros, mas não possuem recursos financeiros, reconhecimento do trabalho dos professores, bons salários para os funcionários, treinamento adequado, entre outras faltas para proporcionar, não apenas um pouco do que necessitam estes alunos, mas para transformar a escola pública e tornar possível a inclusão de todos em uma escola moderna e igualitária, com espaço e currículo diferenciado, com a finalidade de formar um cidadão, com capacidade para conviver e sobreviver no mundo atual denominado de mercado livre, capitalista e competitivo.

Em nossos projetos de transformação das escolas, verificamos que há uma minoria de professores, diretores, especialistas e pais que já têm claro que a inclusão total é possível, porque tiveram experiências que demonstram a possibilidade: outros estão em busca dessa certeza e se empenham por encontrá-la, em suas aulas, nos cursos e nos grupos de estudos que freqüentam. Há, infelizmente, os que tentam e ainda não conseguem se libertar de preconceitos e de hábitos enraizados, que não permitem fazer uma releitura de suas atuações, à luz de novos propósitos e procedimentos educacionais.¹⁹

Um dos motivos que enseja esta insegurança no professor é a afirmação de que não estão preparados para lidar com as diferenças e aplicar a inclusão na escola.

Apenas o conhecimento sobre o TDAH assim como algumas deficiências não suprirão os professores de suas carências para aplicar a inclusão, pois este medo de enfrentar as diferenças deve ser combatido por todos, escola, professores, pais e outros envolvidos neste processo inclusivo, não bastando o conhecimento, sendo imprescindível atitudes concretas e muito estudadas para preparar a escola para a inclusão total.

Como saber quando está havendo exclusão de certos alunos e a que se deve esta exclusão.

¹⁹ MANTOAN. *Uma escola... op. cit.*, p. 32.

O professor deve descobrir, identificar lutar contra os próprios preconceitos, que invadem as práticas, cegam para as mudanças e transformações, congelam e paralisam as percepções, desenvolver sua sensibilidade para escutar, ver, perceber, as dificuldades e capacidades dos alunos, reconhecendo suas limitações e ampliando seus dons.

É crucial que o professor assuma um compromisso com a inclusão, abrindo espaço para que a cooperação por professores e alunos possa suprir as necessidades mínimas para exercer a inclusão na escola regular. Dependendo da maneira como a inclusão é vista e aplicada ela pode resultar na exclusão.

9 CAPACITAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

No final do século XIX e início do século XX os conhecimentos adquiridos em uma universidade seriam os necessários para toda a vida profissional, tal situação não se verifica mais, onde a sociedade está em constante evolução, sempre buscando o melhor, o mais desenvolvido, o mais rápido, o mais simples, etc.

Esta nova sociedade, com sua tecnologia avançada, seus métodos em constante evolução, também deseja uma escola que satisfaça seus anseios e necessidades, a criança, atualmente já tem desde muito cedo acesso a informações, a televisão, internet, computação, língua estrangeira, e diversos outros fatores formadores de sua inteligência e comunicação, para esta criança “plugada” no mundo a educação deve ser criativa, incorporar a tecnologia, estimular a curiosidade a atenção e demonstrar a necessidades daqueles conhecimentos que estão sendo transmitidos.

O mesmo ocorre para um aluno hiperativo, tendo acesso a todos estes meios ele também necessita de mais estímulos do que a escola está lhe fornecendo.

Para tanto o profissional da educação não pode dispor apenas de sua formação inicial (universitária) necessita estar em constante aprendizado, renovação, rever seus posicionamentos, estar aberto a novos métodos e possibilidades educacionais para repassar esta experiência e novidades para o ambiente escolar.

Como capacitar o professor na educação inclusiva e quais as dificuldades e vantagens deste aperfeiçoamento.

O tipo de formação que poderá ter sucesso se implementado para tornar possível a inclusão implica no estabelecimento de parcerias entre professores, profissionais de outras áreas e escolas, para que se possa reunir conhecimentos e experiências suficientes e eficientes às inúmeras solicitações que essa modalidade de trabalho provoca nos professores.

Estas parcerias também podem ensejar o desenvolvimento de outras ações, para o desenvolvimento educacional, que também podem ser realizadas através de comunicação à distancia, internet para intercâmbios de experiências entre profissionais da educação.

Existem professores que por iniciativa própria estão buscando a formação continuada, com pós-graduação, especialização, mestrado, participação em palestras e cursos, mas nem sempre o professor da rede pública de ensino tem condições financeiras e tempo suficiente para continuar com sua formação, os governos deveriam disponibilizar esta formação, principalmente quanto a inclusão e o conhecimento das necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência física ou mental ou simplesmente com TDAH, pois verifica-se a necessidade na continuação dos estudos dos educadores que não obtiveram esta formação em sua graduação.

10 COMO ESTIMULAR O APRENDIZADO DO ALUNO HIPERATIVO E FAZER COM QUE OS OUTROS ALUNOS COOPEREM

Como auxiliar este aluno com TDAH na sua inclusão escolar e afetiva em seu grupo?

Escutando-o, respeitando, conhecendo suas dificuldades e necessidades, ser receptivo as suas solicitações e queixas, enfim sendo mais amigo do que alguém que esse aluno deve obedecer e respeitar, conquistando o respeito e não exigindo.

Será que os educadores estão preparados para pesquisar, compreender, definir e trabalhar com a hiperatividade, e será que as publicações sobre este tema são suficientes para o professor trabalhar com seu aluno com TDAH?

Os textos sobre o TDAH devem servir para suprir as necessidades de compreensão dos professores, a cooperação entre os professores e a constante troca de idéias são as formas mais eficazes de suprir a falta de uma formação continuada.

A criança em seus primeiros anos de vida aprende de forma livre, através da exploração, imitação, repetição, e por brincadeiras, mas a partir da idade escolar toda esta forma própria de auto-descobrimto é censurada, desvalorizada e desconsiderada, sendo permitido apenas que a criança permaneça sentada, quieta, escutando e assimilando o que o professor fala, explica e determina que o aluno leia, a curiosidade, que está presente nas crianças, é reprimida, o aluno não aprende brincando, se divertindo, descobrindo, através do auto-conhecimento, formulando seus próprios conceitos... ao aluno cabe apenas decorar o que o professor determina, para lembrar na hora da prova, podendo logo após esta avaliação esquecer de tudo, para começar a decorar agora outra matéria e assim por diante.

Infelizmente o sistema educacional atual nas escolas públicas não é diferente do acima criticado, e os professores não são incentivados a mudá-lo.

A cooperação dos alunos sem NEE também é fundamental para a inclusão, o apoio ao colega com dificuldade é uma atitude extremamente útil e

humana, tão pouco desenvolvida nas escolas, competitivas e despreocupadas com os valores morais entre os alunos.

Na contramão dessas cobranças, estimulamos os professores das escolas em que atuamos a oferecer oportunidades para que as crianças se apoiem mutuamente para aprender; exercitem naturalmente a cooperação quando dividem entre si suas tarefas, principalmente quando a divisão é baseada no interesse e possibilidades de cada aluno.

Sabemos que a cooperação cria laços muito fortes entre os alunos e propicia interações que encorajam os menos habilitados. É esperado que um aluno seja tutorado naturalmente por outro colega, que tem mais facilidade, em uma dada disciplina curricular, por exemplo. Esse apoio espontâneo é mais um meio de fazer com que a turma reconheça as diferenças e perceba que cada um tem suas habilidades, talentos, competências e dificuldades para abordar um ou outro conteúdo, do leque das disciplinas escolares.²⁰

Sabendo que, a hiperatividade prejudica a capacidade de concentração e atenção do aluno, os professores deverão procurar alternativas informativas que os levem a desenvolver um trabalho mais direcionado e individualizado para atingir o seu aluno com TDAH. O sucesso do processo pedagógico depende do relacionamento e da comunicação entre a escola e os pais.

A falta de informação sobre o TDAH faz com que tanto os pais quanto os professores não entendam o que está acontecendo e de imediato rotulam essas crianças classificando-as como; "bagunceiras", "que vivem no mundo da lua" e prejudicando-as e em muitos casos levando-as a reprovação por mau comportamento.

A hiperatividade não significa que a criança é burra ou menos inteligente que outra, percebe-se que em muitos casos crianças que são diagnosticadas com TDAH, possuem grande inteligência, contudo a falta de atenção por parte do sistema nervoso faz com que a mesma não determine a importância do aprendizado para si.

O aluno tem consciência sobre a sua falta de controle sobre sua atenção e intensa atividade motora e até da sua inteligência e capacidade intelectual, mas o seu conflito interno entre a necessidade de satisfação imediata, a desatenção e a impaciência na execução de tarefas simples, que sabe resolver, mas não consegue ficar atento a sua solução, essa falta de controle sobre seus atos deixa o aluno com baixa auto-estima e desmotivado, por essa razão é tão importante que o professor conheça estes sintomas e saiba lidar com este aluno.

²⁰ MANTOAN. *Uma escola... op. cit.*, p. 31.

Portanto a cooperação entre os alunos é um estímulo para o aprendizado e o auto-controle do aluno com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, e este apoio pode ser estimulado pelos professores que podem implementar uma atividade de apoio entre os alunos, um aluno com melhores notas fica responsável por outro aluno com dificuldades, os dois sentarão perto, realizarão atividades em conjunto e complementarão seus estudos com a troca de conhecimentos.

Claro que sem a vontade e aplicação dos alunos nesta atividade ela não obterá sucesso, mas o professor pode tentar e observar a evolução dos alunos, como uma nova alternativa para a inclusão.

11 REUNIÕES – QUEIXAS DOS PROFESSORES

A metodologia utilizada na monografia é a pesquisa de campo, com a realização de um estudo na Escola Estadual Maria Montessori em Curitiba, pois nesta escola estudam alunos com diagnóstico de TDAH.

Os professores foram consultados sob o interesse e disponibilidade para participar de reuniões para a obtenção de dados para esta pesquisa e se comprometeram em participar.

Foram realizadas duas reuniões, os sujeitos desta pesquisa são os professores da Escola. Participaram das reuniões seis professores da Escola Estadual Maria Montessori, das disciplinas de Inglês, Geografia, Matemática, Português, Ciências e Educação Física.

As reuniões foram registradas e estão anexadas a esta monografia.

O conteúdo das reuniões foram divididos em três partes:

1) inventário das queixas, dificuldades e questionamentos expressos pelos professores e funcionários, com relação às condições da escola para trabalhar com alunos hiperativos;

2) sugestões para procedimentos a serem realizados para a inclusão escolar destes alunos, formulação de situações-problema, orientação, encaminhamentos, discussões e reflexões;

Em seguida foi realizada uma discussão articulando os dados obtidos com formulações teóricas que auxiliaram na reflexão destes itens.

A reunião foi coordenada pela autora da monografia e os pontos mais importantes foram anotados (Anexo). O registro não seguiu um protocolo único, mas contem os temas (queixas, dificuldades e outros temas) discutidos, as intervenções e sugestões dos professores.

A escolha de se realizar uma análise de conteúdo dos registros justifica-se por poderem ser um instrumento de reflexão, planejamento e avaliação do trabalho realizado, além de possibilitar a discussão de questões práticas que são trabalhadas pelos professores na sua profissão e ao lecionar para alunos diagnosticados como hiperativos:

- qualificar queixas, dificuldades e questionamentos feitos pelos professores e funcionários;

- soluções para transformar tais queixas ou dificuldades em situações – problema, ou seja, em desafios de reflexão, trocas de experiências ou elaboração de propostas pelo grupo;

Foi explicado para os professores o objetivo da pesquisa (melhorar o diálogo entre os professores sobre os problemas e sucessos enfrentados na inclusão do aluno hiperativo na escola).

Na primeira parte da reunião foi realizado um inventário das queixas, dificuldades e questionamentos expressos pelos professores, com base nos seguintes questionamentos pré-formulados:

Perguntas:

- a) Quais as dificuldades encontradas para ensinar o aluno hiperativo?
- b) Falta recursos financeiros e materiais?
- c) Falta conhecimento para os professores?
- d) Falta apoio da escola, do Estado e dos pais?

Obtendo o seguinte resultado quanto as dificuldades observadas pelos professores para lecionar para o aluno com TDAH:

- Manter a atenção do aluno voltado para o conteúdo;
- Disciplina – geralmente o aluno é agitado;
- O hiperativo não tem domínio sobre suas emoções;
- Tem dificuldade de relacionar os conteúdos com a realidade concreta;
- Falta recurso financeiro e materiais o que agrava ainda mais a situação do aluno e do professor;
- Professores e funcionários não tem embasamento teórico e prático sobre a realidade do aluno hiperativo;
- A escola não oferece pessoal de apoio para atender as necessidades do aluno;
- O governo exige a inclusão nas escolas, mas não oferece nenhuma preparação para os professores;
- A família muitas vezes desconhece o problema ou não entende, ficando à margem do problema.

O segundo item discutido na primeira reunião foi a identificação e diagnóstico do TDAH na escola exemplificando um caso concreto que ocorreu, na tentativa de inclusão deste aluno.

- Aluno com comportamento compatível com hiperatividade, foi conversado com a família e recomendado avaliação médica para se obter o diagnóstico mais preciso.

Na primeira reunião foi marcada uma segunda reunião com a concordância de todos os participantes com o objetivo de continuar com as discussões sobre as condições da escola e os alunos com diagnóstico de hiperatividade.

Na segunda reunião os professores leram um texto sobre hiperatividade e a necessidade da educação inclusiva.

Após a leitura deste texto iniciou-se uma discussão sobre o tema, cujo resultado foi o seguinte:

As professoras afirmaram que o aluno hiperativo quando tem acompanhamento médico-psicológico reage bem melhor, assim como aquele que tem a atenção e o conhecimento da família.

“Essas discussões tocam em dificuldades de ensino e de aprendizagem, abrem novos caminhos pedagógicos ao professor, quando este não está conseguindo vislumbrar, diante de seu estado emocional e da falta de hábito de refletir sobre seu trabalho, outras saídas para alcançar seus objetivos.”²¹

Os dados obtidos com as reuniões apontam para a necessidade de que a escola prepare-se para a inclusão. As reuniões mostraram-se produtivas, caso a escola adotasse esta forma de comunicação e interação entre os professores com a instituição de um tempo previsto na carga horária dos professores de toda a rede pública, semanalmente durante uma hora, para reuniões em grupos de estudo de acordo com o período de trabalho com o objetivo de identificar as dificuldades e buscar soluções para as necessidades dos alunos com NEE, que também pode versar sobre o aluno com TDAH.

Verificou-se a necessidade de se formarem grupos de estudos nas escolas para a discussão e compreensão dos inúmeros problemas educacionais, quanto ao TDAH e sobretudo sobre as necessidades educacionais especiais, pois

²¹ MANTOAN. *Uma escola...* op. cit., p. 32.

os professores não costumam se reunir voluntariamente para debater sobre os problemas escolares e nas reuniões realizadas verificou-se que elas são necessárias e os professores estariam dispostos a participar.

Estes grupos podem ser organizados espontaneamente pelos próprios professores, sendo recomendável a participação de toda a equipe pedagógica e se possível com a presença de profissionais da área da saúde como médico e psicólogo para enriquecer as discussões com seus conhecimentos e experiências.

As queixas apresentadas pelos professores dependem da iniciativa do Poder Público para solucioná-las em parte, mas a própria cooperação entre os educadores pode suprir algumas necessidades para lecionarem aos alunos diagnosticados como hiperativos.

As reuniões poderão suprir as necessidades dos professores com o esclarecimento de situações-problema, de como lecionar para o aluno com TDAH, como lidar com a agressividade tão presente nas aulas da escola pública, como identificar o aluno com hiperatividade, quais os sintomas comuns e próprios de cada aluno, quais alternativas pedagógicas existem e já foram aplicadas em outras escolas, analisar as propostas pedagógicas utilizadas em algumas escolas particulares que obtiveram sucesso e como podem ser utilizadas na rede de ensino público, se unirem para buscar no Poder Público o auxílio financeiro e estrutural necessário para a inclusão, etc.

O foco principal dos estudos que podem ser realizados durante as reuniões é o aprimoramento das aulas para manter a atenção e interesse de todos os alunos, estimulando o estudo e a vontade de frequentar a escola, como um segundo lar e não uma obrigação sem sentido e perspectivas de sucesso, analise de como o ensino esta sendo ministrado na escola, quais seus defeitos e qualidades, o que pode ser modificado para que o aluno com TDAH sinta mais facilidade para aprender e participar da aula, utilizando de forma positiva seus sintomas como constante agitação e fala.

Além da participação dos professores, nestas reuniões, é importante e enriquecedor para as discussões e aprendizados que os diretores das escolas, demais funcionários, coordenadores, pedagogos, etc, também contribuíssem transmitindo suas experiências de sucesso e fracasso, compartilhando suas dúvidas e inseguranças, elaborando novas propostas de ensino, estimulando o estudo

individual, sugerindo novas atitudes e aplicações para que a escola se torne mais inclusiva.

A comunidade, principalmente os pais de alunos e moradores próximos também podem participar, poderia ser realizada uma reunião bimestral com toda a comunidade buscando novos apoios, participação de profissionais como voluntários, doações, (que pode ser desde um computador usado, ou de materiais didáticos) melhor participação dos pais, tanto de alunos com necessidades educacionais especiais ou com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade como com deficiências e que desejem que seus filhos estudem na escola comum, e para tanto querem contribuir para sua inclusão, ou mesmo para pais de alunos sem necessidades educacionais especiais, mas que também serão beneficiados com a inclusão, pois podem sofrer com a falta de recursos, de aulas criativas, de flexibilidade do currículo escolar e pela falta de motivação dos professores.

Ainda pode haver uma cooperação entre as escolas ampliando ainda mais o leque de conhecimentos, experiências e apoio para a inclusão.

Não existem fórmulas mágicas para a solução dos problemas escolares relativos aos alunos diagnosticados como hiperativos, mas existem procedimentos que podem auxiliar a inclusão, entre estes procedimentos estão a cooperação e interação entre os professores, que pode ser realizada através de reuniões periódicas, visando externar as preocupações e dificuldades dos professores e a busca de soluções com o apoio de todos os educadores, formando uma rede de informações e pesquisas com a finalidade de melhorar a educação e possibilitar a inclusão dos alunos diagnosticados com TDAH.

12 CONCLUSÃO

A pressão exercida sobre os alunos com TDAH, de se desenvolverem conforme as expectativas e anseios dos professores, pais, colegas, sociedade, etc, é demasiadamente pesada para uma pessoa só, quem dirá para alunos com problemas em se concentrar, manter o controle motor, controlar suas ações entre outros sintomas que podem fazer parte da vida do aluno diagnosticado com TDAH.

A lógica da exclusão é a padronização do ensino, com currículos baseados numa coletividade homogênea, o que não se verifica na prática, os alunos são diferentes, bem como suas necessidades também, não se pode falar em inclusão quando o sistema não permite que o aluno seja visto como uma pessoa diferente, com características, potencialidades e dificuldades próprias.

Já a lógica da inclusão seria possível na escola que individualizasse o currículo escolar, adaptasse o ensino para cada aluno sem perder de vista o grupo, seria uma relação entre aluno, professores e escola, construindo novos caminhos e possibilitando a flexibilização dos métodos educadores.

Se há exclusão não há inclusão, deve-se primeiramente identificar a existência da exclusão, para buscar soluções e reflexões para a prática e formação do cidadão mais cooperativo e solidário que trará benefícios para todos.

Com a individualização do ensino, o professor terá que elaborar suas aulas de acordo com as necessidades específicas de cada aluno e do grupo, tarefa esta de alta complexidade, pois exige que o educador conheça profundamente o seu aluno, conheça diversas metodologias de ensino, tenha experiência com a educação e que possa ser auxiliado por uma equipe pedagógica.

É necessário, contudo, que o professor tenha condições de trabalhar com dedicação para seus alunos, precisa de tempo, materiais didáticos, tecnologia, acesso à livros, periódicos e equipe pedagógica atuando na escola. Requisitos, estes, que não se observam na escola pública regular atualmente.

O aluno passivo deve ser o aluno ativo, participativo, integrante do sistema educacional, criando com o professor novas formas de educação, trocando idéias, expondo suas necessidades educacionais, o que acha melhor ou pior na aula, como gostaria que a aula fosse ministrada, enfim se tornar parte da educação,

sentir que o professor ouve suas sugestões e as aplica na aula, auxiliar o educador com novas idéias mais modernas e que possa ser entendida pelos alunos.

Os benefícios desta interação são muitos, principalmente para o aluno diagnosticado com TDAH, pois beneficiará sua auto-estima, seu interesse pela aula, tornará a aula mais dinâmica e participativa, possibilitando que este aluno se movimente, fale e tenha novos estímulos à sua atenção.

Não existem formulas mágicas que possibilitem a inclusão e a solução de todos os problemas da escola, apenas o trabalho exaustivo, em conjunto, com metas e objetivos definidos poderá tornar viável a participação de todos os alunos na escola, sem estranhamento, preconceito, tratamentos desiguais e oportunidades direcionadas.

O papel do professor é fundamental no diagnóstico de uma criança com TDAH que pode ser mais preciso quanto existem relatórios dos comportamentos apresentados em sala de aula, também durante o tratamento o professor pode ajudar essa criança a se desenvolver e até mesmo a minimizar suas dificuldades.

O respeito entre o aluno e o professor deve ser mutuo e sempre existir, pois senão todas as tentativas no sentido de amenizar as dificuldades e orientar o aluno para uma educação mais eficaz serão infrutíferas, pois o aluno não ouvirá o que o professor diz e o professor não entenderá o sofrimento e necessidades do aluno, achando que ele quer apenas chamar a atenção.

O professor muitas vezes tem que improvisar suas aulas, não possui apoio pedagógico, não tem ânimo para ensinar e conseqüentemente não presta atenção em seus alunos.

A exclusão só será vencida pela inclusão e ela não acontecerá sozinha, por simples acaso, mas com muito esforço e trabalho em conjunto, mas será que os professores e a escola pública tem toda esta força de vontade?

Infelizmente o governo não está auxiliando esses profissionais como deveria, não valoriza seu trabalho e esforço, os professores também não encontram na escola pública a estrutura que necessitam, pois sozinhos são fracos diante de tantas necessidades e preconceitos, apenas a união, o auxílio da iniciativa privada e o esforço de todos poderá proporcionar o ambiente e os recursos que estão faltando para o início da inclusão. Ai sim será possível transformar a exclusão em inclusão.

A capacitação dos professores também é fundamental para a inclusão, se não há possibilidade de uma formação continuada então os professores podem

trocar experiências entre si, conhecimentos, etc. A dificuldade se encontra, neste caso, na falta de cooperação entre os educadores.

O auto aprendizado que a criança exerce nos primeiros anos de vida é reprimido na escola, onde não lhe é permitido descobrir as coisas, mas sim apenas assimilar os conhecimentos fornecidos pelos professores, retirando deste aluno o seu auto-conhecimento, sua forma própria de aprendizado e obrigando que agora passe a aprender como todos devem aprender pouco importando seu tempo de aprendizado, suas dificuldades e necessidades.

O apoio ao aluno com TDAH por outros alunos é muito importante para sua inclusão e aprendizado, pois se sentirá aceito no grupo, estimulado para aprender e poderá contar com os colegas para tirar alguma dúvida da aula.

Na pesquisa de campo realizada na Escola Estadual Maria Montessori com a realização de duas reuniões com alguns professores foram identificadas as queixas dos professores que basicamente são: dificuldade em manter a atenção e disciplina do aluno com TDAH; a falta de domínio das emoções por estes alunos; dificuldade em relacionar os conteúdos didáticos com a realidade concreta, entre outros.

Sobre as deficiências dos educadores elencaram que os professores não tem o embasamento teórico e prático necessário sobre o TDAH, encontrando muitas dificuldades para lecionar a estes alunos. Ainda conforme as críticas já expostas neste trabalho os professores se queixam da falta de apoio da escola e do governo para a inclusão “O governo exige a inclusão nas escolas, mas não oferece nenhuma preparação para os professores”.

A família do aluno com TDAH também não auxilia o aprendizado e tratamento deste aluno, desconhecendo o transtorno ou não tomando as providencias necessárias para o pleno desenvolvimento escolar de seu filho.

Os resultados obtidos com estas reuniões demonstram a falta de interação e colaboração voluntária entre os professores, de apoio do Poder Público, da escola e de recursos para atender as necessidades dos alunos com TDAH.

A realização de reuniões semanais para discussão sobre as NEE e o TDAH é uma estratégia de apoio para a inclusão, podendo refletir e praticar a inclusão, que será uma responsabilidade de todos, construindo aos poucos melhores condições na escola pública e procurando o melhor caminho para a inclusão de todos os alunos.

Este processo de construção do conhecimento e de troca de experiências são facilitadores da inclusão e tornam os professores mais eficientes, pois terão em seus colegas de ensino o apoio que precisam e saberão utilizar os conhecimentos que estão adquirindo a favor da inclusão e da melhora na qualidade do ensino público, no tratamento dispensado aos alunos, em maior respeito entre professores e alunos e cooperação entre os professores, pois todos são responsáveis pela inclusão.

REFERÊNCIAS

BARNARD, Kathryn E. **Como educar crianças com problemas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Globo, 1978.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial – **Tendências e desafios da educação especial**. Editora organizadora: Eunice M. L. Sorano de Alencar. Brasília: SEESP, 1994.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Educação Especial Brasileira. Integração/Segregação do aluno diferente**. São Paulo: Editora PUC/SP.

CARMO, Apolônio A. do. Inclusão escolar: roupa nova em corpo velho. **Revista INTEGRAÇÃO**, Brasília, MEC, ano 13, n. 23, 2001.

CEDES, **Educação Especial**. São Paulo: Cortez, caderno nº 23, 1989.

CEDES, **O Fracasso escolar um desafio pedagógico**. São Paulo: Cortez, caderno nº 28.

CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais**. trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CYSPEL, Saul. **A criança com Déficit de Atenção e Hiperatividade**. São Paulo: Lemos, 2000.

GLAT, Rosana. Inclusão total: mais uma utopia? *In Revista Integração*, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

GOLDSTEIN, Sam. e GOLDSTEIN, Michel. **Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança**. Trad. de Maria Celeste Marcondes. 3. ed. Campinas/SP: Papirus, 1998.

DSM-IV. **Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FERREIRA, I. N. **Caminhos do aprender: Uma alternativa Educacional Para Criança Portadora de Deficiência Mental**. Brasília: CORDE, 1993.

FONSECA, Vítor da. **Educação Especial – Programa de estimulação precoce**. Porto Alegre/RS: Artmed Editora S.A., 2002.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Reforma do estado e educação especial: preliminares para uma análise. *In Revista de Educação PUC-Campinas, Educação Especial*. Campinas, n. 11, Novembro de 2001.

MACEDO, Lino de. **Competência relacional e situação-problema: elementos para uma reflexão pedagógica**. Manuscrito não publicado. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1999.

MACHADO, Adriana Marcondes. **Educação Especial em debate**. São Paulo: Casa do Psicólogo: CRP-6, Região, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Ensino inclusivo / educação (de qualidade) para todos. *In Revista Integração*, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

_____ Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. *In STOBÄUS, Claus Dieter & MOSQUERA, Juan J. M. (orgs.) Educação Especial: em direção à educação inclusiva*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MANZINI, Eduardo José (org.). **Educação Especial: temas atuais**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

MARCHESI, Álvaro e MARTÍN, Elena. Da Terminologia do Distúrbio às Necessidades Educacionais Especiais. *in CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org.) Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais*. trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua: Perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. 4. ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2004.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Trabalho Docente e Formação de professores de educação especial**. São Paulo: EPU. 1993.

MORAES, Mônica Martinez de. Uma possibilidade de escola para todos: a formação continuada de professores em educação especial. *In Revista de Educação PUC-Campinas*, Educação Especial. Campinas, n. 11, Novembro de 2001.

MRECH, Leny Magalhães. O que é educação inclusiva? *In Revista Integração*, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

OLIVEIRA, Anna Augusta S. de. & LEITE, Lúcia P. Escola inclusiva e as necessidades educacionais especiais. *in Educação Especial: temas atuais*. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

PEREIRA, Olívia. **Educação especial: atuais desafios**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

PIRES, José e Gláucia N. da Luz Pires. A integração escolar de crianças portadoras de necessidades especiais na classe regular: implicações legais e compromisso social. *In Revista Integração*, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

SANTOS, Mônica Pereira dos. Educação Inclusiva. *In Revista Integração*, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 10 nº 22, 2000.

TITTON, Adriana [et. Al.]. Da educação especial à integração: um caminho a ser conquistado. *In Anais do Evento de Extensão "A escola frente às necessidades educativas especiais"*. Curitiba: UFPR, trabalho orientado pela Professora Mirian Pan em Psicologia do Excepcional da UFPR, 1997.

TOPCZEWISKI. **A hiperatividade: Como lidar?** São Paulo: Casa do psicólogo. Cortez, 1999.

Professor (a): J. W.

Matéria: Ciências

1) Quais as dificuldades encontradas para ensinar o aluno hiperativo?

É desatento

2) Faltam recursos financeiros e materiais?

Sim, não há nas escolas um programa para atender esse aluno

3) Falta conhecimento para os professores?

Sim, muitos não estão preparados

4) Falta apoio por parte da escola, do estado e dos pais?

Sim, alguns pais não entendem o problema de seu filho.

Professor (a): E. S.

Matéria: Educ. Física

1) Quais as dificuldades encontradas para ensinar o aluno hiperativo?

Disciplina

2) Faltam recursos financeiros e materiais?

Sim, não possuem materiais adequados

3) Falta conhecimento para os professores?

a maioria desconhecem esse problema

4) Falta apoio por parte da escola, do estado e dos pais?

Sim, muitos desses alunos ficam à margem do problema

Professor (a): S. M. B
Matéria: português

1) Quais as dificuldades encontradas para ensinar o aluno hiperativo?

Tem dificuldade de relacionar os
conteúdos com a realidade concreta

2) Faltam recursos financeiros e materiais?

Sim, a escola não oferece pessoal de
apoio para atender pessoal

3) Falta conhecimento para os professores?

Sim, muitos estão despreparados

4) Falta apoio por parte da escola, do estado e dos pais?

Também não oferecem apoio

Professor (a): L. W.

Matéria: matemática

1) Quais as dificuldades encontradas para ensinar o aluno hiperativo?

O hiperativo não tem domínio sobre suas emoções

2) Faltam recursos financeiros e materiais?

sim, o que agrava ainda mais a situação do aluno e do professor

3) Falta conhecimento para os professores?

Muitas vezes não conhece a realidade do aluno

4) Falta apoio por parte da escola, do estado e dos pais?

A família as vezes desconhece o problema do filho.

Professor (a): N. L. T

Matéria: geografia

1) Quais as dificuldades encontradas para ensinar o aluno hiperativo?

Geralmente é um aluno agitado

2) Faltam recursos financeiros e materiais?

sim

3) Falta conhecimento para os professores?

Professores sem preparo para trabalhar com aluno hiperativo

4) Falta apoio por parte da escola, do estado e dos pais?

sim, o governo exige inclusão na escola mas não oferece apoio para atender as necessidades

Professor (a): D. A. S

Matéria: Inglês

1) Quais as dificuldades encontradas para ensinar o aluno hiperativo?

Manter a atenção do aluno

2) Faltam recursos financeiros e materiais?

Sim, o que dificulta ainda mais o trabalho do professor

3) Falta conhecimento para os professores?

Sim, Professores sem embasamento teórico e prático

4) Falta apoio por parte da escola, do estado e dos pais?

Sim, não oferecem apoio nenhum